Estados não representados e a construção de significado

contribuições clínicas e teóricas

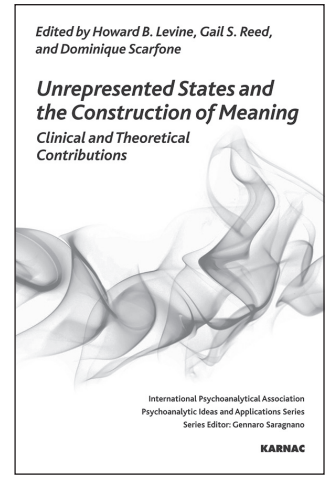
Autores: Howard B. Levine, Gail S. Reed, Dominique Scarfone, Marilia Aisenstein, Jacques André, Christine Anzieu-Premmereur, César Botella, Sára Botella, Roosevelt M. S. Cassorla, Giuseppe Civitarese, Laurence Kahn e Marion M. Oliner
Editores: Howard B. Levine, Gail S. Reed e Dominique Scarfone
Editora: Karnac, Reino Unido, 2015, 283 p.

Resenhado por: Vera L. C. Lamanno-Adamo

Este livro, o primeiro em sua versão brasileira, dá continuidade à série *Ideias e aplicações psicanalíticas*, do Comitê de Publicações da Associação Psicanalítica Internacional, em parceria com a editora Karnac.

O objetivo deste livro é abordar o complexo campo dos estados não representados da mente, apresentando aos leitores o desenvolvimento deste conceito no pensamento psicanalítico. Concomitantemente ao empenho dos autores em abordar aspectos teóricos sobre o não representado, discute-se também detalhado material clínico, dando destaque às expansões necessárias em nossa escuta e intervenção clínica, que possibilitam o trabalho com pacientes que apresentam falhas no processo de representação ou incapacidade de representar.

Após a morte de Freud, segundo Levine, Reed e Scarfone, os analistas se confrontaram com pacientes que apresentavam falta de uma capacidade de representação e a necessidade de criar estruturas em seus pacientes. Em 1975, no congresso da Associação Psicanalítica Internacional realizado em Londres, André Green, um dos principais participantes, em resposta ao tema do evento, *Mudanças*



VERA L. C. LAMANNO-ADAMO é membro efetivo e analista didata do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEP) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

na prática e experiência clínica, defendeu uma mudança significativa, alertando para o aumento na quantidade de pacientes que não poderiam ser ajudados caso a psicanálise limitasse o tratamento a uma teoria baseada no conceito das *neuroses*.

Anna Freud rejeitou o que denominou de *ambição terapêutica* de Green: "ela insistiu que a psicanálise deveria ficar com objetivos modestos e intensificação de *insight*" (p. 14).

Green não aceitou a recomendação de Anna Freud e levou suas pesquisas teórica e clínica para além do tratamento psicanalítico clássico das neuroses, abrindo caminho para uma noção da psique com áreas que apresentam uma ausência de representação, hoje definidas como áreas *ainda não representadas*, *não representadas* ou *pouco representadas*.

Vários psicanalistas vêm se debruçando sobre este universo mental que tanto intrigou Green: "um universo desprovido de presenças, mas onde é impossível constituir ausências" (p. 13).

Na segunda parte do livro, *Presença e ausência: estudos teóricos*, encontramos textos que tentam dar conta deste complexo universo destituído de presença e ausência.

Bastante esclarecedor é o texto de Scarfone: "De traços a signos: apresentação e representação". Nele, Scarfone traz um interessante modelo de mente fundamentado na diferenciação entre soma, mente primordial e campo psíquico, articulando estes conceitos com o estudo de Charles Pierce sobre signos. Discute estas diferentes modalidades de funcionamento mental apoiado também em conceitos elaborados por Bion, Aulagnier, Pierre Marty e Michel de M'Uzan. Insiste na noção de um conceito de transferência fundamentado em um modelo mais geral de funcionamento: "se a transferência funciona na análise, ela deve se basear num modelo mais geral de funcionamento – um que estivesse funcionando no momento de diferenciação entre a mente primordial e o campo psíquico" (p. 86). Através de um circuito maior pela presença do outro, a transferência é vista pelo autor como uma forma de ação por meio da qual é possível transportar e transformar uma quantidade de excitação da região primordial para a região psíquica da mente.

César e Sára Botella contribuem para o entendimento deste tipo de transformação, descrevendo e discutindo os conceitos e o trabalho de figurabilidade. Em seu texto, esclarecem como estes conceitos apresentaram-se a eles progressivamente durante a experiência com estados mentais insuficientemente representados ou irrepresentáveis, a partir do tratamento de crianças que, na França, eram consideradas pré-psicóticas. Argumentam sobre o termo *figurabilidade* com base no uso que Freud fez dele, principalmente em *A interpretação dos sonhos*, e oferecem os desdobramentos teóricos e clínicos deste conceito que vêm desenvolvendo desde 1983.

Logo em seguida, temos o texto de Laurence Khan, "Se apenas soubéssemos o que existe!". De forma instigante e provocativa, o autor aborda a problemática entre

figurabilidade e *apresentabilidade* e adensa questões sobre as vicissitudes do trabalho de representação.

Dando continuidade aos estudos teóricos sobre presença e ausência, Marion M. Oliner lança a seguinte pergunta: "Como falar sobre estados mentais não representados?" (p. 149). O seu interesse por estes estados mentais, a partir do estudo sobre os efeitos do trauma, levou-a a questionar sobre o contraste entre a suposta falta de representação do trauma e a incrível precisão dos *enactments* e atualizações de eventos catastróficos que, de outro modo, não estão disponíveis à consciência. Marion, fundamentada em diversos autores, explora a natureza dos traços mnêmicos deixados pelo trauma e traz uma interessante articulação entre traços mnêmicos e sua ligação emocional com os sentidos.

Na terceira parte do livro, *Explorações clínicas*, cinco textos descrevem em detalhes experiências clínicas que salientam a natureza singular e específica do trabalho com pacientes incapazes de representar o objeto na sua ausência. Estes textos enriquecem a reflexão de uma questão levantada por Levine, Reed e Scarfone na introdução: "Em nossa ambição terapêutica, ou mesmo esforços em direção à onipotência, chegamos longe demais? Ou aprendemos a ver e compreender coisas que não sabíamos como ver antes?" (pp. 14-15).

Marilia Aisenstein traz a história de Makiko, uma jovem japonesa de 28 anos que não se podia ouvir e que tinha câncer de cólon. Aisenstein relata de forma detalhada "como a doença desta paciente, vivenciada como um golpe opaco do destino, se torna objeto de elaboração psíquica graças ao trabalho analítico" (p. 175). Explicita, ao longo do texto, a participação intersubjetiva do analista no processo terapêutico.

Jacques André traz uma reflexão sobre seu trabalho com Lise, a mulher que se cobria com uma membrana muito fina e paradoxal de palavras: "a carne de uma palavra era o suficiente para fazê-la estremecer, com os cabelos em pé" (p. 192).

Roosevelt Cassorla conceitua áreas mentais constituídas de sonhos e áreas mentais constituídas de não sonhos, explicitando articulações entre elas e com o conceito de *enactment*. Fragmentos da experiência clínica com Paulo e Ana são destacados para esclarecer como estas áreas se apresentavam nas sessões e como o analista realizava o trabalho de sonho em busca de simbolização.

Giuseppe Civitarese esmiúça, a partir do trabalho com A., uma menina quieta e melancólica que apresentava defesas autistas, como a *rêverie* do analista pode gradualmente levar à figurabilidade no paciente.

Christine Anzieu-Premmereur compartilha conosco o seu pensamento sobre o processo de representação na primeira infância e discute seu trabalho terapêutico com bebês e crianças pequenas com seus pais.

Deixei por último os textos que compõem a primeira parte do livro: *Aspectos clínicos e teóricos da representação: uma introdução*.

Os três textos, elaborados por Levine, Reed e Scarfone, são muito mais que introdutórios: demonstram uma compreensão profunda e expandida dos conceitos inicialmente elaborados por Green, Bion e Winnicott sobre estados mentais não representados e da demanda imposta ao analista no tratamento psicanalítico com pacientes não neuróticos.

Estados não representados e a construção de significado realiza, com mérito, os objetivos do Comitê de Publicações da IPA: contribui de forma notável para o campo psicanalítico, aprofunda ideias sobre o tema a partir das perspectivas da teoria, prática clínica, técnica e pesquisa, de modo a manter sua validade para a psicanálise contemporânea.

Vera L. C. Lamanno-Adamo
Rua João Mendes Júnior, 180/17, Cambuí
13024-030 Campinas, SP
Tel: 19 3254-0824
vlamannoadamo@gmail.com